



Lançamento

Petrobras: a luta pela transformação

Autor: Roberto Castello Branco

ISBN: 978-6550522469

Nº de páginas: 304

LVM Editora

“Uma nau sem rumo num mar de desperdício de recursos”

Claudio Conceição, do Rio de Janeiro

O economista Roberto Castello Branco, ex-diretor de relação com investidores da Vale e ex-presidente da Petrobras, no livro *Petrobras: a luta pela transformação*, traça um perfil da maior companhia da América Latina. Em dez capítulos, Castello Branco narra sua primeira experiência na Petrobras como membro do Conselho de Administração, cargo que exerceu de maio de 2015 a abril de 2016, onde foram lançadas as bases para a reestruturação da companhia marcada por graves problemas herdados de gestões anteriores. Foi nesse período que se estruturaram sólidos padrões de governança que, como lembra Castello Branco, pouco depois do fim de seu mandato no Conselho, “ganham a proteção dada pela sanção da Lei nº 13.303, a Lei das Estatais, em 30 de junho de 2016”.

Mas é no capítulo 1 do livro que ele narra os bastidores da reunião que teve no Planalto, no dia 5 de fevereiro de 2011, quando a pandemia da covid estava no seu ápice. A reunião, convocada pelo então presi-

dente Jair Bolsonaro, acabou sacramentando a sua saída da presidência da estatal, em abril do mesmo ano, já que havia uma forte pressão para que a Petrobras reduzisse os preços dos combustíveis, especialmente do diesel, em função de movimentos dos caminhoneiros.

(O governo estava assustado e pressionado pela greve dos caminhoneiros que eclodiu no dia 21 de maio de 2018, durante dez dias, que paralisou os serviços de fornecimento de combustível, distribuição de alimentos, insu- mos médicos, interrompendo estradas e levando o país à beira de um colapso. Sinais eram emitidos de que uma nova paralisação poderia ocorrer, se os preços dos combustíveis não baixassem.)

Em seu relato da reunião do dia 5 de fevereiro, Castello Branco que foi a Brasília usando máscara, já que estávamos no auge da pandemia, conta que ao adentrar na sala onde estavam vários ministros, além do presidente Jair Bolsonaro, notou que quase ninguém usava máscaras. Se cumprimentavam efusivamente, como se

não houvesse pandemia ou possibilidade de contágio. Ali percebeu que estava em outro mundo, diferente do que acreditava e defendia.

Ao longo da reunião, o foco foi a política de preços da Petrobras que, segundo conta, sofreu várias críticas: todos defendiam redução de preços, numa clara interferência do governo na administração da estatal. Mesmo após a sua explanação para responder aos questionamentos e mostrar as razões da política de preços seguida pela Petrobras, Castello Branco saiu da reunião com o sentimento de que sua missão na estatal havia chegado ao fim.

No livro *Castello Branco* narra as explicações que levou para a reunião: “Quando me foi dada a palavra, expus como a Petrobras precificava os combustíveis, absolutamente de acordo com os preços internacionais convertidos para reais pela taxa de câmbio real/dólar americano. As duas variáveis estavam puxando os valores para cima, ambas evidentemente fora do controle da Petrobras.

Afirmar que cumpria minhas responsabilidades legais com os acionistas. Sempre considerei que meu compromisso era com eles, não com as preocupações de natureza política do governo. Fiz questão de enfatizar a diferença entre uma sociedade de economia mista – como a Petrobras, com grande participação de acionistas privados no Brasil e no mundo, cujo objetivo social não é executar políticas públicas – e as estatais – como a Caixa Econômica Federal e os Correios, 100% controladas pela União, que atuam

A história da Petrobras
revela quão prejudicial pode
ser a intervenção do Estado
na atividade econômica,
sendo esta a principal
responsável pelo lento
crescimento econômico

como órgãos componentes da administração federal.

Detalhei as regras de governança da Petrobras, as restrições impostas pela Lei das Estatais, as normas a que estávamos sujeitos – determinadas pelo próprio estatuto aprovado pela Assembleia Geral de Acionistas, pela regulação da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e da US Securities and Exchange Commission (SEC) –, a prestação obrigatória de contas ao Tribunal de Contas da União (TCU) e o fato de a Petrobras ainda estar sob supervisão do Departamento de Justiça dos Estados Unidos (DoJ), herança da crise recente. Por último, alertei para o risco de acionistas moverem processos contra a Petrobras e demandarem indenizações, caso a direção tomasse medidas lesivas à empresa.

A intervenção do governo na fixação dos preços dos derivados produzidos pela Petrobras, costume antigo entre nós brasileiros, é uma grave dis-



torção e teria consequências negativas não limitadas à administração da empresa, podendo atingir até o presidente da República. Aconselhei o governante Bolsonaro a se manter longe da companhia, caracterizando-a como ‘tóxica’ para ele.

Alertei sobre os riscos de desabastecimento. Como profissional, eu não poderia autorizar, por exemplo, a importação de combustíveis por preços mais elevados e vender no mercado doméstico a preços mais baixos, tal como acontecera antes. Havia, portanto, o risco de desabastecimento do mercado, pois nenhum importador privado, agente importante para o fornecimento de diesel e gasolina, estaria disposto a arcar com prejuízo.

Concluí chamando a atenção para os riscos macroeconômicos da interferência do governo – provável depreciação da moeda, pressões sobre a inflação, alta dos juros, perda de confiança e desestímulo a investimentos –, todos negativos para a economia brasileira”.

Nada foi levado em consideração, como mostram as medidas que o governo tomou para apaziguar os caminhoneiros.

Na introdução do livro ele escreveu: “A história da Petrobras revela quão prejudicial pode ser a intervenção do Estado na atividade econômica, sendo esta a principal responsável pelo lento crescimento econômico e pela geração de pobreza. A atuação de uma estatal de grande porte em atividades típicas da iniciativa privada é prejudicial para a economia, e não tenho dúvida de que a privatização é a melhor alternativa”.

“Estou convencido de que, sob controle do Estado, a Petrobras continuará a se comportar como uma nau sem rumo num mar de desperdício de recursos”

E continua: “Estou certo de que, sob controle do Estado, a Petrobras continuará a se comportar como uma nau sem rumo num mar de desperdício de recursos”.

Mas o coração do livro está concentrado nos capítulos de 4 a 10, período em que Castello Branco foi o presidente da Petrobras e membro do Conselho de Administração. São nesses capítulos que estão descritos os desafios para preparar a empresa para gerar valor aos seus acionistas de forma sustentável. Como a companhia se portou e deu respostas à pandemia, pelo lado da saúde, que culminou com sete milhões de mortes no mundo – no Brasil passamos das oitocentas mil. E os efeitos da recessão econômica global, que entre as suas várias vertentes provocou um colapso nos preços do petróleo, os menores observados nos últimos 20 anos.

Castello Branco, em sua rica análise sobre a Petrobras e a indústria do petróleo afirma que “uma polí-

tica não deve ser avaliada por suas intenções, mas por seus resultados concretos. Há 125 anos vivemos de combustíveis fósseis (carvão, petróleo e gás natural) e, mesmo depois de investimentos trilionários em fontes renováveis, eles ainda representam 82% do consumo global de energia primária. Em 1997, eram 87%. Ao lado das dificuldades para descarbonizar o mundo, é crucial investir para enfrentar os efeitos da mudança climática, que já se manifestam sob a forma de ondas de calor e enchentes. O desenvolvimento econômico é fundamental para dispormos dos recursos necessários para vencer esse colossal desafio. À luz desse cenário, discutimos os caminhos a serem seguidos pela indústria do petróleo e pela Petrobras”.

É leitura obrigatória para conhecer os meandros da maior empresa da América Latina e a indústria do petróleo, num período em que o mundo discute a transição energética. ■

Leia também: “Infelizmente, no Brasil as reformas são diluídas pelo populismo” – entrevista de **Roberto Castello Branco** para a *Conjuntura Econômica* de agosto de 2024.

Disponível em:
<https://go.fgv.br/h9kFd8oDJf4>

